DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

DR. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES

MANUEL DO N. FERNANDES TÁVORA

Convidado para algo dizer, nesta tribuna, sôbre a personalidade do Dr. Francisco de Paula Rodrigues, meu primeiro pensamento foi declinar da honrosa incumbência, visto tratar-se de apreciar a vida de um homem que, apesar de meu amigo, de mim divergir, a certa altura de sua carreira política, inquinando, portanto, de suspeição, meu julgamento.

Penso, além disso, que, em cenáculos das ciências e das letras, não devem ser versados assuntos políticos, dos quais não é possível, preventivamente, eliminar o sutil veneno que pode, sub-reptìciamente, insinuar no coração de algum dos seus membros o *vírus* da inquietação e da desordem.

Não valeram, porém, meus argumentos e receios: e aqui estou, cumprindo o que, afinal, prometi aos dois colegas que me levaram o convite, únicos responsáveis pelo que possam minhas palavras de velho político acarretar à placidez dêste templo do saber.

De minha parte, garanto que farei, quanto puder, para atenuar-lhes a responsabilidade; e espero que não seja grande a penalidade a ser-lhes imposta pelo Instituto. Outros poderiam dissertar sôbre a personalidade e a vida do Dr. Paula Rodrigues, com credenciais e competência bem maiores; não creio, porém, que alguém o fizesse mais desapaixonadamente e animado do mais verdadeiro desejo de render-lhe justiça, do que aquêle que ora vos fala.

Nos meus adversários costumo considerar duas individualidades: a política e a social ou humana.

Com o político, discuto e luto, em todos os tons, no terreno das idéias, daí não passando, por julgar que o direito de pensar e divergir constitui uma das mais altas e inderrogáveis prerrogativas humanas.

Quando me dirijo, apenas ao homem, procuro, antes de tudo, compreendê-lo; e essa atitude me permite, quase sempre, chegar a um entendimento que me leva, suavemente, à concórdia e à justiça.

Pela sumária recapitulação que vou fazer das minhas relações com o Dr. Paula Rodrigues, podereis compreender as razões da minha afirmação, quanto ao desejo de ser justo. Já conhecia o Dr. Paula Rodrigues desde que aqui iniciei meu curso de preparatórios, no Instituto de Humanidades e no Liceu Cearense, em 1894.

Encontrei-o, novamente, no Rio, em 1898, no Centro Cearense e em casa de meu tio, Dr. Belisário Távora, que êle costumava freqüentar.

Francisco de Paula Rodrigues, filho do Conselheiro Dr. Antônio Joaquim Rodrigues Júnior e D.ª Maria Luíza de Paula Pessoa Rodrigues, nasceu em Sobral, no dia 19 de outubro de 1863. Fêz seus estudos secundários na Capital do País, recebendo o grau de médico na Faculdade de Medicina daquela cidade, em 1888. Desejando especializar-se em oftalmologia, seguiu para a Europa, cursando em Paris as clínicas dos grandes oftalmologistas (Vecher e Masselon).

Na Alemanha freqüentou as clínicas de Berlim e Leipzig; na Áustria, a de Viena. Volvendo ao Rio de Janeiro, tornou-se um grande e precioso auxiliar de Moura Brasil, na Policlínica Geral daquela cidade. Durante 10 anos clinicou naquela Capital e em Petrópolis. Voltando ao Ceará, aqui estabeleceu consultório, onde ricos e pobres eram atendidos, sem distinção, com boa vontade, competência e carinho.

Foi Presilente do Centro Cearense, do Rio de Janeiro, durante alguns anos, sempre cuidando, carinhosamente, dos interêsses de sua terra e de seus conterrâneos.

Cursando o 3.º ano da Faculdade de Medicina, tive a agradável surprêsa de receber dêle em casa do Dr. Belisário, a comunicação de que, por proposta sua e do Dr. Figueiredo Rodrigues (assistente da Cadeira de Histologia), o Professor Eduardo Chapeau-Prevost me escolhera para integrar a Comissão por êle chefiada, destinada a combater a epidemia de carbúnculo hemático, que atacava, então, os bovídeos, nos campos de Santa Cruz. Concomitantemente deveríamos examinar, microscòpicamente, o sangue do baço de tôdas as reses sacrificadas naquele matadouro e destinadas ao consumo da população do Rio. Três ou quatro meses durou o nosso trabalho; e o Dr. Chapeau-Prevost pôde, após êsse curto prazo, declarar ao Presidente Campos Sales que havíamos executado a nossa tarefa.

Desde então minha amizade ao Dr. Paula Rodrigues foi acrescida de uma gratidão, sempre acordada, a recordar-me a boa vontade e gentileza com que me distinguira, indicando-me para um pôsto que eu julgo não haver desmerecido, e que me deixou a impressão de já ser capaz de executar algo de aproveitável na vida. Formado em janeiro de 1903, segui, em 1904 para o Amazonas, a chamado de meu tio e padrinho Monsenhor Fernandes Távora, então Vigário do Rio Juruá, firmando residência em São Felipe, de onde partia, em batelão, fazendo a clínica ambulante nos afluentes e confluentes do grande rio.

Em abril de 1913, numa das minhas costumeiras visitas a meus pais e ao torrão natal, recebi, em Jaguaribe, um telegrama do Dr. Paula Rodrigues nos seguintes têrmos: "Partido lhe desejando candidato vaga Dr. Adolfo Siqueira Assembléia, espera aceite."

Os colegas bem podem avaliar a minha surprêsa e perplexidade, ao ler um tal despacho! Trabalhando, havia cêrca de 8 anos, naquela longínqua região da Amazônia, onde tudo me impunha continuar, claro era que eu não deveria aceitar aquêle convite que, além de me levar ao agitado mar da política, acarretar-me-ia um enorme prejuízo, com o abandono de uma clínica, já firmemente organizada e na qual esperava alcançar a independência financeira, trabalhando mais alguns anos. Foi, então, que senti, pela primeira vez, a fôrça do destino, cuja lógica, como bem o disse Spengler, "jamais tomou conhecimento dos desejos humanos!"

Já havia formulado uma resposta negativa ao convite do Dr. Paula Rodrigues, quando entraram na sala em que me encontrava dois velhos e grandes amigos (um dos quais parente do Dr. Solon Pinheiro), aos quais mostrei, muito despreocupadamente, o telegrama do Dr. Paula e a minha resposta.

A tristeza estampada em seus semblantes foi de tal evidência, que os julguei atacados de um mal súbito, e lhes perguntei o que estavam sentindo. Responderam-me, com um tremor nos lábios: — As notícias que nos dão êsses telegramas são tão tristes e desconsoladoras, que nos fazem quase chorar! — Mas, porque tamanha tristeza? — indaguei, novamente.

Profundamente emocionados, responderam: O nosso bom amigo bem sabe que todos os correligionários de Solon e alguns velhos partidários do Monsenhor Távora, que tanto sofreram durante vinte e tantos anos da oligarquia Acióli, foram inteiramente postos de lado no atual govêrno de Franco Rabelo, o que fêz Solon voltar desarvorado e desiludido ao Amazonas, deixando seus amigos abandonados e sem rumo político!

Sua aquiescência a êsse convite seria a nossa única e possível salvação; pois, a sua deputação estadual, além do mais, reintegraria, certamente, o nosso grupo no velho partido ma-

loqueiro, dentro do qual sempre combatemos e sob cuja bandeira desejamos continuar lutando. Embora lhes houvesse demonstrado, repetidamente, tôdas as desvantagens e prejuízos que uma tal decisão me acarretaria, transtornando inteiramente, a minha vida, não se conformaram; e, ao se despedirem, profundamente abatidos, pedi-lhes o obséquio de entregarem ao telegrafista a minha resposta para ser transmitila. Aconteceu, então, o que eu não esperava: aquêles amigos, num excesso de confiança, transcreveram o telegrama, modificando uma frase, de modo a entender-se que, em caso de não ser possível combinar um outro nome, eu faria o extremo sacrifício de aceitar a prebenda.

No dia imediato, porém, me procuraram para confessar que, confiantes na nossa velha e inquebrantável amizade, haviam feito o que denominaram *modificação salvadora*. Mostrei-lhes, numa grande tristeza, todo o transtôrno que o seu ato iria causar na minha vida; e creio que as minhas palavras lhes testificaram a profundeza da minha mágoa...

Ficaram, porém, num tal estado de prostração e desalento, que, compadecido, lhes assegurei que nada mais diria ao Dr. Paula sôbre o caso. Êste, ao receber meu telegrama, lançou, imediatamente, a minha candidatura. Conhecendo o processo eleitoral daquêle tempo — o puro *bico de pena*, fiquei em Jaguaribe para assistir o pleito, que fiz questão de ser realizado legalmente, ao menos, no meu torrão natal.

E assim aconteceu, votando, naquela cidade, quatrocentos e tantos eleitores, inclusive sessenta e tantos que sufragaram o meu concorrente. O regozijo do povo foi geral, lembrando-me do seguinte fato: À tardinha, um velho eleitor, ao passar perto de mim, levando uma garrafa de vinho amarrada na lua da sela, gritou, entusiasmado: "Isto sim, é que é eleição, como no tempo de D. Pedro!"

Desde então disse adeus ao sossêgo e comecei a subir o meu Calvário...

Em junho ou julho de 1913, assumi a deputação, na Assembléia, assistindo a tôdas as sessões; e, em outubro do mesmo ano, voltei ao Amazonas, subindo o Rio Envira, em batelão-ambulância, como era de meu hábito. No seringal Bom Sucesso (médio Envira) recebi a notícia de haver começado a revolução de Juàzeiro; e, baixando, a todo remo, aquêle rio, subi o Alto Taranacá, até a foz do Rio Muru, de onde radiografei ao Governador Franco Rabelo, comunicando-lhe que tomaria um navio, no dia seguinte, esperando chegar aqui ainda em tempo de participar da sorte dos meus correligionários.

Chegando a Manaus, uns 8 dias depois, certifiquei-me da queda de Franco Rabelo, descendo, ainda, até Belém, onde pude receber condignamente o Dr. Paula Rodrigues que, naquele pôrto, fôra tomar um navio para a Europa. Narrou-me êle, sem recriminações

nem queixumes, o saque brutal de algumas de suas fazendas, como soem fazer os homens verdadeiramente nobres, que não se curvam diante da desventura nem da vilania de seus semelhantes, seguindo, digno e altaneiro, para o exílio.

Foi êsse o período de nossa aproximação política. Posteriormente, algumas divergências, oriundas, ainda, da minha pseudo aquiescência ao seu convite, nos afastaram, politicamente, sem, entretonto, modificar as nossas relações pessoais, nem o respeito que lhe tributava. E, quando na minha Interventoria, por aqui passaram Juarez e José Américo, em visita a Orós, foi o Dr. Paula Rodrigues a única pessoa estranha ao Govêrno que eu convidei a fazer parte da nossa comitiva, numa clara demonstração do aprêço em que o tinha.

DOIS DESAMBIENTADOS

Pelo que acima fica exposto, lògicamente se infere que o autor destas linhas deveria ter escolhido qualquer outro ramo de atividade, menos a política.

Mas, explicado ficou, também, que muito a contragosto, penetrei nos seus domínios.

Quanto ao Dr. Paula Rodrigues, creio que não errará quem, sôbre êle, expender o mesmo julgamento.

Êle, como eu, amava a verdade e não admitia subterfúgios nas suas relações particulares ou políticas. Como eu, êle deveria conhecer a cínica definição de Talleyrand, segundo a qual, em política, a palavra deve ser usada para encobrir o pensamento. Era um homem de sim, sim; não, não; e não prometia aquilo que não pudesse cumprir. Sua franqueza e lealdade eram as resultantes naturais da correta educação e dos bons princípios que lhe nortearam a vida; e todos nós sabemos que não é com tais atributos que a quase totalidade dos políticos consegue fazer proselitismo...

Com tais características, claro é que o Dr. Paula Rodrigues não poderia lograr êxito na vida política; e êle assim compreendeu, afastando-se dessas lides tremendas que só prejuízos e dissabores lhe causaram.

O MÉDICO

Apesar de dispor de recursos que lhe permitiam viver folgadamente, depois de exercer, no Rio e em Petrópolis, a clínica oftalmológica, aqui continuou na mesma faina de servir aos pobres, que enchiam seu consultório, amparando-os com a sua precatada caridade, que não visava preconícios ou louvores.

E assim agiu enquanto lho permitiu a cansada visão.

Nesse setor sua ação se exerceu plenamente, e o profissional competente, que êle era, certamente, terá levado para o túmulo a segurança de haver, nobre e cristãmente, cumprido o seu dever de verdadeiro discípulo de Hipócrates.

O HOMEM TELÚRICO

Mas o lado mais interessante da vida do Dr. Paula Rodrigues era o seu decidido pendor pelo campo e o amor e interêsse por tudo que dissesse respeito à vida rural. Herdeiro de grandes e boas fazendas, no norte e centro do Estado, a elas dedicava a maior parte do seu tempo, percorrendo-as constantemente e providenciando sôbre o seu melhor aproveitamento.

Para isso não poupava esforços, quer na escolha e instrução dos seus auxiliares, quer na colheita da cêra de carnaúba e outros produtos vegetais, quer na aquisição de bons reprodutores bovinos e eqüinos, para a seleção nos seus rebanhos, que procurava, sempre, melhorar cientificamente.

Como prova do que afirmo, vou narrar uma historieta de sabor sertanejo, que me foi transmitida pelo Major Zeca Holanda que, ao tempo, era contratante de obras numa fazenda do Dr. Paula Rodrigues, no princípio de Quixeramobim.

Era hóspede do Dr. Paula um seu parente (creio que tio), também fazendeiro, mas criador à moda antiga, que não gostava de novidades.

Folheando o farto manancial de Revistas científicas, postas à sua disposição, o velho hóspede ia fazendo críticas jocosas aos belos tipos de animais de raça que nelas figuravam, e que, ao seu ver "só tinham estampa, não valiam nada!"...

O Dr. Paula procurava modificar o juízo do seu parente, em matéria de seleção, citando números e salientando as qualidades incontestáveis dos animais em aprêço. Não valem nada, repetia o velho fazendeiro; só têm tamanho e gordura; mas não são capazes de faíer, de um só fôlego, uma viagem de vinte léguas, que qualquer dos nossos cavalinhos, pequenos e feios, fazem e chegam, ainda se espantando!... — Mas os animais de raça não são apropriados a essas viagens brutais, só próprias para burros e cavalos do sertão — explicava o hospedeiro, quase irritado. — Pois meu sobrinho, replicava o velho, fique lá, com os seus cavalões, que só servem para fazer figuração em Revistas; eu prefiro, mil vêzes, os meus cavalinhos feios, que fazem tudo quanto eu quero, e ainda acabam escaramuçando...

Quando terminava essa conversa, passava pela frente da casa um comboio de burros, transportando material de construção.

Entre os burros havia um de pequeno porte, denominado (se me não engano) Camundongo, muito forte e considerado o melhor cargueiro da fazenda. O tio do Dr. Paula, que já sabia disso, fêz parar o comboio e perguntou, enfàticamente, ao comboieiro: Qual é, dêsses burros, o melhor cargueiro? — O interrogado respondeu, sem tergiversar: Seu Major, tôdos êstes burros são bons; mas, para meu gôsto, o melhor dêles é o Camundongo, que não enjeita pêso e é capaz de carregar o dôbro de qualquer dos outros.

O velho fazendeiro soltou uma formidável gargalhada, e disse ao seu hospedeiro: Está vendo, seu Paula? Tamanho e beleza não são documentos! Tôda essa sua burralhada grande, procedente de éguas raciadas e jumentos andaluzes não chegam aos pés do pequeno Camundongo, produto genuìnamente nacional!...

Esta divertida historieta, que reproduzi, apenas, para demonstrar o cuidado do Dr. Paula Rodrigues, no aperfeiçoamento dos seus rebanhos, serve, também, para provar duas coisas: a extraordinária resistência dos nossos muares e cavalares, e a grande influência que ela exerce no ânimo dos nossos velhos fazendeiros, que, com isso, se contentam e não tentam progredir.

Felizmente, os imitadores do Dr. Paula Rodrigues vão aparecendo, e o progresso, em passo lento, mas constante, vai fazendo brotar, na aspereza das caatingas nordestinas, uma vida nova.

Os homens que vão passando não devem ser julgados sòmente pelo que lograram realizar, mas também e sobretudo por aquilo que desejavam fazer e que, por circunstâncias alheias à sua vontade, não conseguiram executar.

No cérebro dos patriotas há um constante turbilhão de idéias, que se chocam na ânsia perene das realizações que a pátria requer de todos nós.

Alguns, mais felizes, concretizam, *intra vitam,* boa parte dos seus sonhos, e morrem contentes, na euforia dos desejos satisfeitos.

A maior parte, porém, leva para a sepultura a quase totalidade dos seus anseios e ideais frustrados, sem que, por isso, a pátria se possa julgar desobrigada de cultuar-lhes a memória.

Paula Rodrigues foi um dêsses cidadãos que passaram, pela vida, cumprindo silenciosamente a sua missão, que não foi *despicienda,* mas alta e nobre, de servir à terra e ao homem; terra que sentia-*mater,* homem que sentia-irmão!

A maioria dos seus conterrâneos não foi capaz de compreendê-lo, o que não o impediu de continuar a servi-los e à terra comum, na medida da sua consciência e do seu patriotismo.

Quem se der ao trabalho de consultar os Anais da nossa Assembléia Legislativa neles encontrará, a cada passo, um projeto, uma emenda, um aparte do preclaro representante do povo, cujos interêsses nunca foram, por êle, esquecidos.

Muitos o julgavam impopular e soberbo, por não o verem a proclamar suas virtudes e a distribuir promessas insinceras, no meio das massas ignaras e crédulas.

Clamorosa injustiça, porque os homens do seu quilate são naturalmente esquivos a tudo quanto pareça demagogia, tôrpe instrumento e desprezível atitude, sempre encontradiços na prática diuturna dos que desconhecem a dignidade e, cìnicamente, ludibriam a verdade.

No mais aceso de nossas divergências e lutas políticas nunca lhe faltei com o respeito e a justiça, e muito menos agora, quando, enaltecidas pela morte, mais avultam suas qualidades e virtudes!

Como o glorioso Visconde do Rio Branco, poder-lhe-ia proclamar, na hora extrema: *"Espero repetir diante de Deus, tudo quanto afirmei diante dos homens!"*

Nesta singela homenagem à memória do Dr. Paula Rodrigues, paguei, apenas, a diminuta parte que me toca, na dívida da Pátria ao grande cidadão. Paguem os outros a parte que lhes cabe, na dívida comum, prestando a devida reverência a êsse nobre cearense que bem serviu e muito amou à gleba querida de todos nós!